

O PIRRONISMO E AS PAIXÕES: ENTRE A INDIFERENÇA E A ATARAXIA

PIRRONISM AND PASSIONS: BETWEEN INDIFFERENCE AND ATARAXY

Bruno Pettersen*

RESUMO

O objetivo deste artigo é examinar a temática das paixões no interior do Pirronismo antigo, especialmente nas figuras de Pirro e Sexto Empírico. Tal questão é controversa em um debate sobre o ceticismo antigo, em especial, porque essa corrente não pode dispor de uma teoria das paixões, dado que elas nada afirmam sobre o mundo. Entretanto, é possível falar que o cético manifesta sentimentos, ainda que de uma maneira não teórica? Para investigarmos essa nuance, passaremos pela vida de Pirro – conforme descrita por Diógenes Laércio – e pelo *Esboços do Pirronismo* de Sexto Empírico, em busca de uma reflexão acerca das paixões no interior do ceticismo pirrônico.

Palavras-chaves: Pirro. Sexto Empírico. Paixões. Ceticismo. Diógenes Laércio.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to examine the passions within the ancient Pyrrhonism, especially in the figures of Pyrrho and Sextus Empiricus. This question is controversial in a debate about ancient skepticism, especially because the skeptics cannot have a theory of passions, since they claim nothing about the world. However, is it possible to speak that the skeptic expresses feelings, albeit in a non-theoretical way? To examine this question, we will go through the life of Pyrrhus - as described by Diogenes Laertius - and we will examine the *Outlines of Scepticism* by Sextus Empiricus in search of a reflection on the passions within the Pyrrhonic skepticism.

INTRODUÇÃO

Como nos sentimos ao nos descobrirmos ignorantes?

Dentro dessa perspectiva, são três as possibilidades. Podemos ficar felizes por descobrirmos algo sobre nós mesmos, mesmo que resulte problemático. Podemos ficar tristes por perceber aquilo que não conhecemos, tristeza essa recorrente em nossos dias. Ou, derradeiramente, seguir o costume dos cétricos antigos: sermos capazes de ficar tranquilos, em paz com a nossa ignorância, e assim continuarmos nossa vida investigativa.

* Doutor em Filosofia e professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte, MG. Email: brunopettersen@gmail.com.

Apesar da questão de a ignorância ser comum em toda a filosofia, é o ceticismo antigo que coloca essa questão de forma radical. Esse aspecto diz respeito à luta da filosofia, das ciências, dos saberes em geral, contra a ignorância, e como a cada investigação parecemos mais e mais mergulhados nela. Em um certo sentido, a história da filosofia pode ser lida como uma tentativa de sairmos desse lugar incerto a partir de um sem número de propostas sobre a realidade, com cada filósofo(a) propondo sua versão do real. Mas, e se ao fim desse labirinto não tivermos chegado a nenhuma conclusão sobre a realidade? E se não houver um fio de Ariadne, mas apenas mais sistemas labirínticos?

Aceitar que não conhecemos o mundo pode ser psicológica e sentimentalmente desafiador. Contudo, se esse for realmente o desfecho, o que resta a nós? O ceticismo, em especial o antigo, buscou uma solução para unificar o nosso estado mental e a ignorância que sentimos. Este artigo visa equacionar alguns pontos cruciais, a partir da seguinte exposição, que será subdividida em três momentos.

Na primeira seção, apresentaremos em que consiste o ceticismo, em especial o antigo Pirronismo, mapeando acerca do que versa essa questão no interior da tradição cética. Na segunda seção, passaremos para o exame da filosofia de Pirro e como a sua vida pode nos elucidar sobre os possíveis caminhos a partir do reconhecer de nossa ignorância individual. Na última, concentrar-nos-emos em Sexto Empírico, com sua profundidade metodológica e agudeza de argumentação. Com esses três percursos, esperamos oferecer uma possibilidade de compreensão do estado mental das paixões despertadas, diante do se sentir ignorante.

1 BREVE HISTÓRICO DA QUESTÃO NO INTERIOR DO CETICISMO

A história do ceticismo é muito extensa na filosofia. Enquanto proposta, esta provavelmente é a única corrente grega que esteve presente e foi relevante em quase todas as épocas da filosofia pós-grega. No entanto, como é costumeiro, o que se entende por “ceticismo” variou ao longo do tempo, às vezes mais, às vezes menos radicalmente. Com o objetivo de definir o escopo do artigo, vejamos as versões do ceticismo na antiguidade.

O ceticismo antigo foi composto, a saber, por duas correntes: o *Ceticismo acadêmico* e o *Ceticismo pirrônico*. A história é tortuosa e deu-se num período diferente de ascensão para

ambas. A longeva narrativa do ceticismo pode ser lida como tendo a primeira entrada com a figura de *Pirro* (365 a.C. - 275 a.C.). No entanto, Pirro não foi o iniciador da escola pirrônica, tendo ele sido pensado mais tarde como uma espécie de inspiração para os seus futuros adeptos. O exame de suas ideias e de sua vida parece-nos revelador, no que tange a entender como os futuros pirrônicos tratarão a nossa presente questão.

O chamado Pirronismo foi pensado como uma forma de ceticismo apenas depois do período de ascensão do *Ceticismo acadêmico*, capitaneado por Arcesilau (315 a.C. - 240 a.C.) e *Carnéades* (214 a.C. - 129 a.C.). Esta cepa de ceticismo recebeu esse nome devido a ter se desenvolvido no interior da Academia de Platão. Apesar de ser interessante escrutinar se há espaço para uma avaliação das paixões nessa corrente, deixaremos este pormenor para outro momento do estudo.

Voltando ao nosso foco de análise, o Pirronismo começou a tomar forma com Enesidemo (por volta de I a.C.), depois Agripa (entre I e II d.C.), adquirindo sua forma final com Sexto Empírico (I e II d.C.). Embora tenha havido muitos céticos e correntes, iremos analisar detidamente apenas dois casos: Pirro e Sexto Empírico. Essa escolha se deve à praticidade e abrangência de exploração do tema: esses são os dois autores de que se tem nota o maior material para a consideração, sendo que a análise de ambos pode nos ajudar a revelar as duas pontas do Pirronismo antigo.

Do ponto de vista metodológico, é importante indicar o modo de entendimento desses autores. No caso de Pirro, que nada escreveu, nosso cerne será a sua vida em situações específicas, bem como relatos de amigos e opositores. Suas posições vão de aspectos mais epistemológicos, até a vida comum em seu terreno antropológico e ético. Sua natureza é a de um sábio antigo, que não se limita a apenas um aspecto do conhecimento e tem sua vivência espelhada em seu pensamento.

Já Sexto Empírico tem características que parecem muito mais técnicas. Sua obra é bastante direta, com um foco preciso em questões epistemológicas, metafísicas e éticas. Ao ser comparado com Pirro, devemos nos lembrar que sua vida não é trazida para frente e, quando aparece (como em sua profissão), é quase sempre apenas sob o cenário de pano de fundo. Apesar disso, Sexto Empírico é, certamente, a maior fonte para a plenitude de nossa consideração sobre o que o ceticismo pirrônico verdadeiramente é.

Com o contexto de nossa análise posto, há de se indagar: Em que consiste o ceticismo e como essa corrente pode nos trazer a temática das paixões? Começemos por considerar a natureza do ceticismo.

Definir o ceticismo ao longo da história é tarefa custosa, mas foi empenhada algumas vezes. Uma possibilidade é pensarmos o conceito como nos propõe Smith (2004, p. 8):

O ceticismo é um tipo particular de filosofia, pois não é constituído por um conjunto de teses sobre as coisas, nem pretende ser um conhecimento. *A característica principal do cético é manter uma atitude crítica diante da pretensão dogmática de ter descoberto a verdade.* Desconfiar das afirmações precipitadas desses filósofos e questionar as suas teses são a sua marca registrada.

Nessa esteira, temos aqui três aspectos que poderiam ser utilizados para a nossa caracterização dos céticos:

- a) Eles não têm um conjunto de teses. O ceticismo é uma filosofia não propositiva, nesse sentido, não encontraremos aqui uma *teoria* sobre a realidade. No máximo, o cético pode enunciar como as coisas lhe aparecem – aspecto esse que dificulta ou impossibilita falar em uma *teoria* das paixões;
- b) Os céticos nutrem uma constante atitude crítica. O ceticismo, ao não possuir um conjunto de teses específicas, se abre para o exame de todas as teorias ao seu redor e não aceita nenhuma tese sem, antes, profunda investigação e comparação com outras propostas teóricas;
- c) O cuidado com a precipitação. O ceticismo reconhece a tendência à precipitação para a resolução de um problema teórico. Segundo os céticos, aqueles que acreditam em algo - os dogmáticos - tendem a aceitar uma tese não porque têm razões, mas precipitadamente, sem uma investigação apropriada.

Se analisarmos essas três hipóteses que sugerem uma descrição do cético, desaguamos em uma problemática dentro do tema: como equacionar a nossa ignorância diante do mundo e os nossos sentimentos *se o ceticismo não tem um conjunto de teses*? Se o cético oferecer uma teoria acerca de nossos sentimentos ele imediatamente deixa de ser um cético e passa a ser apenas mais um dos assim chamados ‘filósofos dogmáticos’.

Dessa forma, podemos afirmar, sem maiores dificuldades, que no ceticismo **não é** possível falar nem de uma doutrina acerca das paixões, tampouco em uma recomendação de

como encontrar os sentimentos adequados. Diante disso, este artigo fica impossibilitado? A resposta é dupla. Se quisermos buscar uma teoria das paixões não é possível escrever além daqui; no entanto, se falarmos da relação emotiva que a ignorância pode suscitar nos céticos, eis que a possibilidade de estudo se descortina.

Cientes disso, acreditamos que duas investigações são possíveis com a ajuda do ceticismo pirrônico:

1. Verificar como a vida de Pirro poderia nos ensinar um *modus vivendi* que lida com as paixões, e
2. Tentar entender por que em Sexto Empírico os sentimentos atribuídos ao cético são os da perturbação e da *ataraxia*.

Tendo em mente o caráter decisivo que Pirro teve para a caracterização dos céticos, comecemos nossa análise pelos eventos de sua vida.

2 PIRRO E AS PAIXÕES

Sabemos que Pirro viveu até os 90 anos, tendo possuído apenas um discípulo¹. Sua influência era tão decisiva que foi eleito sumo sacerdote em sua cidade², viajando à Índia³, sem deixar, porém, nenhum material escrito. Ele viveu aos moldes dos sábios antigos: uma vida que inter-relacionava as suas opiniões e o seu modo de vida.

O mais importante relato sobre essa sua vida⁴ é o de Diógenes Laércio, em seu livro *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres*⁵, publicado entre os séculos III e IV. Essa obra é essencial para o estudo não apenas de Pirro, mas de muitos dos filósofos da antiguidade; contudo, ela deve ser lida com cuidado. Em muitos casos, como em Pirro, o texto de Diógenes não assume apenas a natureza de *relato*, mas também de avaliação e crítica. Separar exatamente o que é real sobre o filósofo e aquilo que é a reflexão de Diógenes só pode ser feito ao cotejarmos o *Vida e obra* com outras fontes. Feita essa ressalva, é importante notarmos a importância de Diógenes para traçar o

¹ Timão - 315 a.C. - 225 a.C.

² DIÓGENES LAÉRCIO, 2014, Livro IX, §64.

³ DIÓGENES LAÉRCIO, 2014, Livro IX, §64. §62.

⁴ Para maiores detalhes sobre essa abordagem, conferir, GAZZINELLI (2009).

⁵ Citaremos a obra de Diógenes Laércio a partir da tradução de Mario da Gama Kury, na reimpressão de 2014. A forma padrão de citação é a menção do parágrafo, adicionado ao livro. O verbete sobre Pirro aparece no livro IX, entre os parágrafos 61 a 71.

que sabemos sobre Pirro, especialmente as várias pequenas anedotas e relatos de sua vida. Vejamos:

No verbete dedicado à Pirro, Diógenes faz uma apresentação de várias situações da vida de nosso cético e também aproveita para nos trazer uma caracterização geral do ceticismo pirrônico. Entretanto, convém ressaltar, novamente, que o destaque que daremos neste artigo é todo à vida de Pirro e como ela nos revela seu posicionamento.

Quanto a esse ponto fulcral, algumas das situações que Diógenes realça parecem realmente fazer jus ao que Pirro de fato pode ter sido. No entanto, outros comentários são carregados de ironia ou crítica. Observemos os dois aspectos neste trecho que introduz Pirro:

Sua vida foi coerente com sua doutrina: o filósofo não saía de seu caminho por coisa alguma e não tomava qualquer precaução; ao contrário, mostrava-se indiferente em face de todos os perigos que se lhe deparavam, fossem eles carros, precipícios ou cães, nada deixando ao arbítrio dos sentidos. Mas, de acordo com o testemunho de Antígonos de Caristos, eram os amigos, seus acompanhantes habituais, que o salvavam dos perigos. Ainesídemos [Enesidemo], entretanto, afirma que na filosofia Pírron [Pirro] aplicava o princípio da suspensão do juízo, porém na vida cotidiana não lhe faltava precaução. Pírron viveu até os noventa anos. (DIÓGENES LAÉRCIO, 2014, Livro IX, §62).

Esse extrato revela muito sobre a vida de Pirro, mas também apresenta uma espécie de contraste. Enquanto o primeiro parágrafo traz uma visão positiva do filósofo, o segundo funciona quase como uma consideração crítica, e esses dois pontos serão trazidos à baila por meio da ideia de *precaução*.

No primeiro parágrafo da passagem é mencionado que Pirro “não tomava qualquer precaução”, pois não acreditava que nada era essencialmente *bom* ou *ruim*, o que parece estar de acordo com as suas convicções. Entretanto, no segundo parágrafo explicita-se que “na vida cotidiana não lhe faltava precaução”, o que em seguida parece ser confirmado pelo fato de ter vivido tanto. Mais do que ver esses dois parágrafos de Diógenes Laércio como relatos contraditórios, acreditamos que eles podem ser reveladores da problemática do ceticismo antigo: o cético assume ou não uma posição diante da vida? É essa a questão primordial para o ceticismo. Toda essa corrente se coloca a partir de uma postura sobre a *indiferença* do cético diante dos fenômenos.

Essa posição de indiferença assumida por Pirro pode ser refletida, no vocabulário típico do cético, como o fato de que ele não afirmava nada sobre a essência da realidade. Um exemplo

influyente entre os céticos era a natureza do vinho. Os céticos diriam que, por um lado havia os que afixavam o efeito negativo da bebida, devido ao seu poder inebriante; do outro, os que acreditavam piamente em sua benesse, pois bebê-lo os tornava felizes. Portanto, sobre a natureza do vinho, qual era a realidade? Os céticos sempre assumiam a “indiferença”, ou seja, afirmavam não serem capazes de revelar a verdadeira natureza do vinho e por isso não se sentiam aptos a decidir. Sobre essa temática da indiferença, duas questões podem ser trazidas à tona: a) qual é a origem dessa tese? e b) que impactos filosóficos ela tem? Para sondar isto é preciso novamente voltar à vida de Pirro.

Pirro viveu entre a ascensão de Aristóteles e o início da filosofia helênica. Nesse momento da história da filosofia, dois são os autores que parecem defender algum tipo de “indiferença” – embora com conteúdos diversos: Pirro e Zenão de Cítio (334-262 a.C.), o fundador do estoicismo⁶. Como Pirro aparentemente antecipa a ideia da indiferença, podemos nos perguntar de onde é a origem desse posicionamento. Nossa hipótese é traçar a raiz da indiferença em sua viagem para a Índia, juntamente da expedição de Alexandre⁷. É provável que lá Pirro tenha entrado em contato com um tipo de vida religiosa que realça a necessidade de indiferença em relação ao corpo e ao mundo; no entanto, saber qual é o tipo exato de ascetismo encontrado pelo filósofo é tarefa difícil. Um trecho que pode ilustrar esse tipo de vida pode ser encontrado em Plutarco, quando este relata um encontro que ocorreu durante a expedição de Alexandre:

Calano, que por um breve período foi atormentado por dores no ventre, pediu que lhe erigissem uma fogueira. Depois, dirigiu-se ao lugar a cavalo, rezou e derramou as libações fúnebres sobre si mesmo, cortou uma mecha dos próprios cabelos e ofereceu-a aos deuses, como se usa nos sacrifícios, e subiu à fogueira, saudando os macedônios presentes e exortando-os a transcorrer prazerosamente aquele dia e a banquetear-se junto ao rei, o qual logo, disse ele, deveria rever Babilônia. Dito isso, deitou-se e cobriu a cabeça. O fogo aproximou-se, mas ele não se moveu: como se tinha deitado, assim permaneceu, imolando-se segundo o uso dos sábios de seu país. (PLUTARCO apud REALE, 1999, p. 395).

Esse tipo de narrativa estaria de acordo com o ascetismo religioso praticado entre os hindus, sendo plausível que Pirro tenha entrado em contato com eles, ou pelo menos, colhido relatos em primeira mão, visto que ele esteve nessas expedições.

⁶ Veremos mais sobre o estoicismo na seção 3 deste artigo.

⁷ DIÓGENES LAÉRCIO, 2014, Livro IX, 61 e 63.

No contexto hindu, esse tipo de manifestação revelava um certo desprendimento da realidade material. No contexto grego, permeado pela transformação do *lógos*, esse ascetismo foi transformado em prática reflexiva, que será desconectada de seu teor inicial próximo da religiosidade. O desprendimento do corpo e do mundo precisará ser racionalmente justificado no mundo grego. Notemos como o estilo da descrição que Diógenes faz de Pirro está de acordo com o relato de Plutarco: “Conta-se ainda que quando lhe foram aplicados medicamentos cáusticos ou teve de sofrer incisões ou cauterizações por causa de um ferimento, não contraiu sequer as sobrancelhas” (DIÓGENES LAÉRCIO, 2014, Livro IX, §67).

Em Pirro, esse “ascetismo” virá através do reconhecimento da dificuldade da racionalidade diante da natureza das coisas. Diógenes diz assim:

Pirro afirmava que nada é honroso ou vergonhoso, nada é justo ou injusto, e aplicava igualmente a todas as coisas o princípio de que nada existe realmente, sustentando que todos os atos humanos são determinados pelos hábitos e convenções, pois cada coisa não é mais isto que aquilo. (DIÓGENES LAÉRCIO, 2014, Livro IX, §61).

Essa maneira racionalizada de tratar as experiências religiosas não é exclusiva de Pirro, contudo, foi a soma da busca pelo conhecimento aos moldes gregos, associada à experiência com o ascetismo que parece ter moldado o caráter filosófico de despreocupação com a qual Pirro conduzia sua vida. Esse posicionamento não será sistematizado no filósofo, ao contrário: temos apenas *aspectos, linhas gerais* de uma reflexão.

Dessa maneira, ainda que não tenhamos claramente uma doutrina cética, são claros os temas em Pirro, a saber: (i) o não conhecer da natureza das coisas, (ii) o reconhecimento da ignorância, e o (iii) sentimento de indiferença. Embora os três aspectos sejam importantes em sua caracterização, apresentaremos rapidamente os dois primeiros, colocando a lupa apenas no terceiro, objeto próprio deste artigo.

i. Segundo Pirro, a respeito de qualquer aspecto da realidade, seja a natureza da dor ou de preceitos éticos, é sempre possível haver dois ou mais discursos opostos. Quando existem duas afirmações sobre o mesmo objeto e não temos como nos decidir, devemos reconhecer que não conhecemos a natureza das coisas. Esse sentimento da multiplicidade de posições será a *diaphonia*.

ii. A consequência da *diaphonia* será conhecida como “suspensão do juízo”, que é o movimento racional de reconhecimento da ignorância, não se adotando nenhuma posição em específico. Esse movimento é o que marca o ceticismo posterior, mas é difícil confirmar se Pirro apenas mantinha uma ignorância diante da natureza do real ou se ele realmente realizou a suspensão do juízo. Uma hipótese é que a suspensão do juízo, enquanto aspecto mais teórico, só surge mais tarde, talvez com Enesidemo⁸.

iii. No entanto, o ponto que nos interessa aqui diz respeito ao posicionamento pessoal de Pirro após o reconhecimento da ignorância. Conforme o trecho que citamos acima, Diógenes (2014, Livro IX, §61) nos conta do apreço de Pirro pela vida cotidiana, pelo hábito, ou pelo que os futuros cétricos chamaram de “fenômeno”. Em Pirro essa caracterização da vida era sempre permeada pelo sentimento de “indiferença”. Essa indiferença é demonstrada pelo menos de quatro formas por Diógenes. São as seguintes, organizadas pelos parágrafos onde elas aparecem:

- § 62 – A indiferença diante de todos os perigos,
- § 63 – A indiferença demonstrada em uma vida de “solidão tranquila”,
- § 67 - A indiferença diante da dor que viria de procedimentos médicos,
- § 68 – A indiferença diante de um possível naufrágio.

Todos esses sentimentos parecem estar de acordo com o ascetismo que ele presenciou, pois revelam aquele desprendimento do mundo e do corpo que notamos. Eles revelariam um estado mental de aceitação diante da ignorância da vida, justamente como o primeiro parágrafo do §62 parece estabelecer. Se isso parece complexo de ser obtido, Diógenes Laércio deixa claro que era solidamente difícil de ser realizado. Ele também associa outros sentimentos a Pirro com o objetivo de mostrar a dificuldade diante da indiferença, confirmando, assim, o aspecto crítico presente no segundo parágrafo do §62. São os seguintes sentimentos:

- § 61 - Ele tinha “precaução” na vida comum,
- § 65 - Ele teria vivido de modo “piedoso” - afinal foi sacerdote,
- § 66 - Ele teria “perdido a calma” com sua irmã,
- § 66 - Pirro teria ficado “agitado” com a investida de um cão,
- § 69 - Ele era “hostil” em relação aos sofistas.

⁸ Essa questão é de difícil solução, uma vez que não temos quase nenhum material sobre Enesidemo. De todo modo, a partir do que é dito sobre ele especialmente em Sexto Empírico, podemos assumir que Enesidemo tinha um aspecto mais teórico e menos prático sobre a natureza do ceticismo.

Repare que os sentimentos realçados por Diógenes agora têm o objetivo de demonstrar a complexidade de manter a posição de indiferença. Uma resposta que Pirro parece ter dado é a seguinte, no contexto do ataque do cachorro:

Em outra ocasião ficou agitado por causa da investida de um cão, e replicou a quem o criticou que era difícil desvincular-se inteiramente da debilidade humana, acrescentando que contra os fatos é necessário em primeiro lugar, sendo possível, lutar com atos, e não sendo possível, com a razão. (DIÓGENES LAÉRCIO, 2014, Livro IX, §66).

O posicionamento aqui é a dificuldade para se concretizar o que a razão determina. É crucial que não vejamos isso como menor: como a vida do filósofo se relacionava com suas ideias, a não prática de seu pensamento revelaria, de fato, possíveis dificuldades para seu pensamento. Por outro lado, esse tipo de relato pode auxiliar quem deseja viver a vida como Pirro, pois este poderia refletir algo como “se foi difícil para Pirro, ainda mais será para mim”. Pirro serve, então, de exemplo para quem está em busca da indiferença, inclusive revelando o quão obstaculosa seria essa busca. Reiterando, esses sentimentos que Diógenes evidencia em Pirro têm também um aspecto crítico, pois mostram que ser um cético por completo é uma tarefa mais penosa do que parece.

Pensando em toda essa gama de sentimentos, podemos extrair duas conclusões sobre as paixões próprias de Pirro. Inicialmente, **as paixões são, em sua maioria, moderadas ou sutis**, tais como a “tranquilidade”, a “indiferença”, a “solidão” e mesmo a “precaução”. Essas paixões são muito diferentes da busca pelo “prazer” ou “felicidade” comuns à época de Pirro. O ponto é que esses sentimentos revelam que o cético acredita que a busca mais importante é a indiferença e a tranquilidade - aspecto este que marcará a posição de Sexto Empírico.

Uma segunda conclusão seria a **correlação entre o reconhecer da ignorância e a indiferença**. Temos aqui a relação entre a oposição de opinião com opinião e a tranquilidade nas ações. Porém, notemos que não há qualquer *explicação* racional de como a indiferença surge, nem como a ignorância *causaria* a indiferença. O relato da vida de Pirro demonstra que, fortuitamente, após nos considerarmos ignorantes, somos quase arrebatados pela indiferença. Esse aspecto foi também objeto de questão em Sexto Empírico, como veremos a seguir.

3 SEXTO EMPÍRICO E AS PAIXÕES

Um dos debates clássicos do ceticismo é se essa posição poderia dar vida a uma escola filosófica. A questão gira em torno de que uma escola pressupõe teses e, por natureza, o ceticismo não tem teses de nenhum tipo, tampouco uma metodologia que poderia ser aplicada em casos diferentes. Apesar de não apresentar ideias sobre a realidade, é possível que o ceticismo seja capaz de influenciar outros pensadores a ter uma atitude ou *habilidade*, uma postura de constante investigação e crítica profunda. É nessa esteira que esse conceito continua depois de Pirro.

Depois de Enesidemo e Agripa, os prováveis primeiros pirrônicos, o ceticismo terá como o seu grande nome o filósofo Sexto Empírico (I ou II d.C.). Se sobre Pirro temos algumas informações, sobre Sexto Empírico sabe-se praticamente nada. Tem-se conhecimento apenas de que ele era médico⁹, que foi autor de vários livros céticos e só. Apesar das informações escassas sobre sua vida, o fato é que Sexto Empírico é o cético mais influente de toda a história devido às suas obras. Agora, nos debruçemos neste filósofo para examinar a questão das paixões no ceticismo pirrônico.

Já que sobre Sexto Empírico temos disponíveis apenas suas obras, é importante nos localizarmos. Um breve inventário dos textos de Sexto nos revela os seguintes livros:

- *Esboços do pirronismo* (HP¹⁰), onde Sexto nos apresenta os céticos e os principais argumentos contra as escolas “dogmáticas”.
- *Contra os professores (Pros mathematikous)* (Livros VII - XI), onde ele apresenta os argumentos contra as escolas filosóficas de sua época;
- *Contra os professores (Pros mathematikous)* (Livros I-VI), sendo este o trabalho mais maduro de Sexto, focando-se, sobretudo, na crítica das artes liberais de sua época.

A mais importante obra para o nosso debate é o livro I do HP, em que Sexto apresenta as características do cético. O restante de sua obra é sobre a contra-argumentação dos céticos às

⁹ O termo “Empírico”, de Sexto Empírico, se deve ao fato de que ele era membro da escola médica “empirista”.

¹⁰ Utilizaremos duas traduções de Sexto Empírico. A fonte primária será a tradução do grego para o inglês de Annas e Barnes (2000) intitulada *Outlines of Scepticism*. Para as citações em português utilizaremos a tradução que Danilo Marcondes (1997) fez dos primeiros parágrafos do Livro I intitulada *Hipotiposes pirrônicas*. A citação segue a forma canônica: HP (Hipotiposes Pirrônicas), Livro, Parágrafo.

teses chamadas por ele de *dogmáticas*, propriamente as filosofias que afirmavam ter descoberto alguma verdade sobre a realidade.

Ao nos atermos ao livro I do HP, a nossa primeira tarefa na compreensão da temática das paixões é entender o contexto de escrita dessa obra. Ao escrever o *Esboços do pirronismo*, Sexto estava mergulhado em um ambiente filosófico marcado pelas correntes helênicas, em especial o **Estoicismo** - alvo preferencial do ceticismo pirrônico. Detemo-nos brevemente aos estoicos com a finalidade de melhor caracterizar Sexto.

A tese dos estoicos sobre as paixões começa por envolver uma elaborada teoria que passa da epistemologia, com as chamadas “representações apreensivas” (*phantasia kataleptiké*), chegando até a um **controle das paixões**, em vista de não ser movida por elas (*apatheia*). O que marca o estoicismo é a famosa “calma estoica”, fruto da aceitação do fluxo da natureza a partir do conhecimento dele. Diógenes Laércio, ao expor a escola estoica sobre o tema das paixões, comenta que “os estoicos dizem ainda que o sábio é imune às paixões porque não pode cair diante delas” (DIÓGENES LAÉRCIO, Livro VII, §117). Nesse ínterim, como é típico desse período, o estoicismo propõe uma teoria que reúne epistemologia e ética em um sistema único da realidade.

Apesar de afastado do estoicismo enquanto doutrina, é curioso como o ceticismo de Sexto Empírico fará também essa relação entre uma questão epistêmica e uma moral ou, em outros termos, como Sexto vai da suspensão do juízo para a tranquilidade da alma. Enquanto nos estoicos o conhecimento da realidade conduz à *apatheia*, em Sexto a *epochè* conduz à *ataraxia*.

Seguindo de perto a tese de Roberto Bolzani, em seu livro *Acadêmicos versus Pirrônicos*, acreditamos que o ceticismo tem uma relação próxima com o estoicismo¹¹, ainda que esta seja apenas a de uma orientação temática. Esse aspecto da proximidade temática com os estoicos é demasiado típico do Helenismo e é realçado por Pascal Massie quando ele nos narra sobre a busca da *eudaimonia* durante o Helenismo:

For the Epicureans and the Skeptics eudaimonia calls for the attainment of *ataraxia*. The Stoics held a rather similar view, although they prefer the term *apatheia*. What is striking in all these new terms (although not perceptible in most translations) is that the determination of this requirement is, in its linguistic form, mostly negative (*a-taraxia*, *apatheia*, *a-diaphora*). Happiness is not the achievement or the attainment of a human potential; rather, it is a release from worry, anxiety, and disturbance; a liberation that

¹¹ Conferir BOLZANI (2013).

results from the therapeutic examination of our belief. This new focus reveals that the inner conflicts of the soul have become the chief concern since they are now identified as the main obstacle to happiness. (MASSIE, 2019, p. 384).

Nesse sentido, tanto do ponto de vista temático como também acerca de uma compreensão negativa das paixões, tanto o Pirronismo, como o estoicismo compartilhavam o *topoi* helênico. É nesse contexto que analisaremos agora como Sexto Empírico apresenta sua visão cética das paixões. Assim, para chegarmos a esses pormenores é preciso, antes de tudo, e como nos estoicos, dar alguns passos na investigação epistemológica; fazendo uma breve reconstrução da argumentação de Sexto no início do HP, a partir dos seguintes pontos: (1) o que caracteriza o ceticismo, (2) os cinco passos da investigação cética, (3) a *diaphonia* e (4) a *ataraxia*.

(1) O QUE CARACTERIZA O CETICISMO

Logo no primeiro parágrafo do HP, Sexto Empírico organiza os tipos de reflexão em três opções: o “dogmático”, que supõe já ter encontrado a verdade, o “cético acadêmico”, que acredita que não há verdade e o “cético pirrônico”, que continua buscando. Nessa caracterização, Sexto estabelece a vocação investigativa (*zetética*) do ceticismo, vocação traduzida pela palavra grega *sképsis*, que quer dizer “busca” ou “investigação”. O cético, portanto, é aquele que procura, que investiga. Apenas o cético estaria em busca da verdade, ele seria propriamente um amante do saber, enquanto o dogmático se vê como sábio. Uma vez que o cético não assume posições, a questão passa a ser de que maneira esse sujeito que investiga permanentemente será caracterizado.

Sexto apresenta, então, uma definição do pirrônico, não como alguém que tem alguma crença em particular, mas como alguém que tem uma *habilidade*. Eis o excerto:

O ceticismo é uma habilidade que opõe as coisas que aparecem e que são pensadas de todos os modos possíveis como o resultado de que devido à equipolência nesta oposição tanto no que diz respeito aos objetos quanto às explicações, somos levados inicialmente à suspensão e depois à tranquilidade. Nós denominamos "habilidade", não em um sentido especial, mas simplesmente no sentido de "ser hábil ou capaz de algo". Sexto Empírico HP 1, §4.

A habilidade dos céticos pirrônicos seria a de opor argumento contra-argumento, uma tarefa incansável que o investigador precisa assumir, onde a cada vez que algo for afirmado, o cético se prontifica a examinar se neste discurso oposto caberia uma contraparte. Neste sentido, o ceticismo seria como uma escola que ensina uma *técnica*, tal como a medicina à época de Sexto. Não se trata de conhecer a natureza das coisas, mas sim como lidar com aquilo que está diante do investigador.

Essa habilidade aparecerá em muitos momentos do ceticismo, seja na oposição de argumentos, ou mesmo no aprendizado de conjuntos de argumentos que serão utilizados em contextos específicos, como os chamados “modos”.

(2) OS CINCO PASSOS DA INVESTIGAÇÃO CÉTICA

Essa habilidade se desdobra em cinco momentos:

O ceticismo é uma habilidade de colocar oposições entre as coisas que aparecem e são pensadas de alguma maneira, uma habilidade pela qual, por causa da equipolência nos objetos opostos e relatos [sobre o mundo], chegamos primeiro à suspensão do juízo e depois à tranquilidade. (HP 1, §8).

Conforme argumentado em outra instância, essas ideias podem ser ordenadas nestes cinco passos: “(i) o ceticismo como uma habilidade, (ii) a multiplicidade das aparências, (iii) a equipolência, (iv) a suspensão do juízo e (v) a tranquilidade da alma” (PETTERSEN, 2017, Seção 1.2.1). Para os nossos fins neste artigo, faremos uma breve exposição dos cinco aspectos, no entanto, iremos centralizá-los àqueles que realçam as paixões possuídas pelo cético ao longo da investigação, isto é, os itens ii e v.

(i) O ceticismo como habilidade diz respeito à capacidade dos céticos de opor os argumentos; (ii) a multiplicidade de opiniões é o primeiro momento da investigação, em que o cético nota que não há acordo sobre a natureza da realidade, é neste momento que o cético encontra a *perturbação*; (iii) a equipolência é a técnica cética de equiparar as teses, indicando um equilíbrio entre elas; (iv) a suspensão do juízo se dá quando frente à impossibilidade de se assumir uma tese, o cético não assente a nenhuma; (v) a tranquilidade é propriamente o estado negativo de paixões em que o cético se torna tranquilo.

Sexto Empírico indica que esses cinco momentos não são necessários para qualquer investigação cética, sendo eles movimentos que podem ou não ocorrer durante as pesquisas. Se o cético conseguir de outra maneira realizar adequadamente sua investigação, assim ele deve fazê-lo. Um exemplo é quando o cético analisa uma questão utilizando os “modos” para verificar se a tese suportaria a crítica de um deles. Não há uma metodologia, apenas uma habilidade de investigação.

Como indicamos acima, os itens **ii** e **v** são os momentos em que há algum tipo de paixão envolvida. O item **ii** revela o motivo pelo qual o cético busca a tranquilidade: o cético se encontra perturbado ao encontrar uma multiplicidade de teses. Essa perturbação é dolorosa e precisa ser aplacada e o será por meio da busca do item **v**, a tranquilidade em si, um sentimento que será o contraponto ideal às tormentas causadas pela multiplicidade de opiniões. Vejamos agora, detalhadamente, em que consiste a perturbação e também a tranquilidade que urge ser alcançada.

(3) A *DIAPHONIA*

A multiplicidade de opiniões, ou a *diaphonia*, é a porta de entrada para a reflexão realizada no interior do ceticismo pirrônico. Ela não é propriamente um resultado de uma investigação, mas uma espécie de constatação. Sexto afirma:

Quando dizemos ‘Oposto a todo o relato há um relato igual’ queremos por ‘todo’, todos os que inspecionamos; falamos não de relatos de um modo não qualificado, mas daqueles os quais pretendem estabelecer algo do modo dogmático [...], dizemos ‘igual’ com referência à capacidade de convencer e à falta da capacidade de convencer; tomamos ‘oposto’ no sentido de ‘conflitante’ em geral [...]. Então, a afirmação desta observação não é dogmática, mas um relato de um sentimento humano o qual é aparente para a pessoa que o sente. (SEXTO EMPÍRICO, HP 1, §4).

Ponderemos um detalhe no final da citação: “[...] um sentimento humano o qual é aparente para a pessoa que sente”. A *diaphonia* é um sentimento desagradável que o cético tem, um sentimento que em nossos dias pode ser pensado como a “dissonância cognitiva”, que, em suma, é exatamente o que Sexto descreve: um sentimento de conflito entre crenças. No clássico artigo “Sobre o que Aparece”, do cético brasileiro Oswaldo Porchat (2007, p. 118), ele reflete que:

[...] o que [a filosofia] nos descobre é uma extraordinária diversidade de posições e pontos de vista, totalmente incompatíveis uns com os outros e nunca conciliáveis. [...] Sobre coisa nenhuma se põem os filósofos em acordo, nem mesmo sobre o objeto, a natureza ou o método do próprio empreendimento de filosofar.

Assim como a dissonância é um tema da psicologia, o médico Sexto Empírico precisa aplacar esse sentimento desagradável. Nessa analogia médica, típica de Sexto, esse sentimento será curado com o purgante que é a argumentação cética, visando eliminar o que está causando o desconforto, bem como o próprio purgante.

Em nosso relato das paixões atribuídas aos céticos, o caso flagrante é o desconforto, a perturbação causada pela multiplicidade de opiniões. Essa paixão é própria do discurso filosófico e pode conduzir à negação da verdade ou a assunção de uma tese dogmática. Para evitar esses dois caminhos o cético abrirá uma nova vertente, tipicamente helênica: a *ataraxia*.

(4) A ATARAXIA

A perturbação precisa ser acalmada e para tal, segundo Sexto Empírico, o cético utilizará a sua habilidade de opor argumentos até que consiga eliminar a fonte deste mal-estar cognitivo. Seu objetivo será aplacar essa sensação por meio do retorno ao equilíbrio, da *ataraxia*, termo que será traduzido como “tranquilidade da alma”.

Aos moldes da “indiferença” de Pirro, a “tranquilidade da alma” em Sexto Empírico tem um caráter negativo, ou seja, é um sentimento de limpeza e de afastamento das posições que antes geravam a perturbação. No entanto, enquanto em Pirro o sentimento não era explicado no interior de uma exposição do cético, em Sexto Empírico esse sentimento será pensado como o *telos* da habilidade do cético. Sexto (HP 1, §6) enuncia:

A motivação fundamental que leva ao ceticismo é seu objetivo de atingir a tranquilidade. Homens de talento, perturbados pelas contradições nas coisas e em dúvida sobre que alternativa adotar, foram levados a indagar sobre as coisas verdadeiras e sobre as falsas, esperando encontrar a tranquilidade ao resolver esta questão.

Essa ideia de se obter a tranquilidade da alma não vem apenas de Pirro, mas é herdeira da *apatheia* dos estoicos. Diferentemente dos filósofos do pórtico, o que é especial no Pirronismo é que a tranquilidade da alma não vem por meio do conhecimento da realidade, mas sim do reconhecimento da própria ignorância. Nos pirrônicos, a tranquilidade surge quando se elimina tudo e nos tornamos equilibrados novamente. Para ilustrar essa ideia, uma história é sempre partilhada:

Uma estória contada do pintor Apeles aos cétricos. Eles dizem que ele estava pintando um cavalo e queria representar em sua pintura a espuma na boca do cavalo; mas ele foi tão malsucedido que desistiu, tomou a esponja a qual estava limpando as cores de seus pincéis, e atirou-a à pintura. E quando atingiu a pintura, produziu uma representação da espuma do cavalo. Agora, os cétricos estavam esperando para adquirir a tranquilidade e decidindo acerca das anomalias no que aparece e é pensado, e ao ser incapaz de fazer isso eles suspenderam o julgamento. Mas quando eles suspendem o julgamento, a tranquilidade seguiu de modo fortuito, como a sombra segue o corpo. (SEXTO EMPÍRICO HP 1, §12).

Esse relato do pintor Apeles tem um objetivo duplo. O primeiro é de mostrar que a tranquilidade é gerada pela ausência do conflito, justamente quando eliminamos aquilo que nos faz mal. O segundo - essencial para Sexto - é que não há uma relação propriamente de causalidade entre a suspensão do juízo e a tranquilidade. Esse processo é *fortuito*.

Dizer que a *ataraxia* não é causada por meio de um processo cognitivo é assumir que não se conhece de fato o princípio dela. Temos aqui o cétrico comprometido com a ideia de que não se conhece a natureza da realidade. No entanto, o sentimento da tranquilidade pode ser observado comumente no final das pesquisas dos cétricos. A tranquilidade é observada nos cétricos e não uma causa de suas pesquisas.

Em Sexto Empírico duas conclusões podem ser retiradas sobre a temática das paixões. A primeira é que a perturbação é a paixão que ocorre logo no início da investigação do cétrico e é forte o suficiente para propeler toda a sua habilidade. A segunda paixão, exposta como uma paixão sutil e negativa (no sentido de não ter conteúdos próprios) é a tranquilidade da alma. Esta última não é apenas o objetivo do cétrico, mas um fato que surge naturalmente, de forma fortuita, ao fim de sua pesquisa.

CONCLUSÃO

A corrente cética é uma das mais desafiadoras na caracterização das paixões. A natureza dessa corrente de não possuir teses ou mesmo uma metodologia clara impossibilita que tenhamos uma teoria das paixões completa. Ao mesmo tempo, nosso exame sobre o ceticismo, em especial em Pirro e em Sexto Empírico, nos ajuda a captar as angústias e possíveis soluções da ocupação filosófica.

REFERÊNCIAS

BOLZANI, Roberto. **Acadêmicos versus Pirrônicos**. São Paulo: Alameda, 2013.

DIÓGENES LAÉRCIO. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: Ed. UnB, 2014.

GAZZINELLI, Gabriela Guimarães; DIÓGENES LAÉRCIO. **A vida cética de Pirro**. São Paulo: Loyola, 2009.

MASSIE, Pascal. Ataraxia: Tranquility at the end. Disponível em: https://www.academia.edu/8354213/Ataraxia_Tranquility_at_the_End. Acesso em: 20 de maio de 2019.

PETTERSEN, Bruno. **A narrativa neopirrônica**: o ceticismo filosófico hoje a partir de Porchat e Fogelin. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

PORCHAT, Oswaldo. Sobre o que Aparece. In: **Rumo ao ceticismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999. Volume 3.

SEXTUS, Empiricus. **Outlines of scepticism**. Traduction: J. Annas e J. Barnes. Cambridge [England] ; New York: Cambridge University Press, 2000.

SEXTUS, Empiricus. *Hipotiposes pirrônicas- livro I*. Tradução: Danilo Marcondes. **O que nos faz pensar** – Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, 12, setembro, 1997.

SMITH, Plinio Junqueira. **Ceticismo**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.